

A MULHER DO FIM DO MUNDO: sobre o processo de empoderamento da mulher e o lugar de fala feminina nas letras de Elza Soares

BARBOSA, Eline Souza ¹
MASSAGLI, Sérgio Roberto ²

Resumo: Nesta pesquisa, problematizamos sobre o empoderamento feminino e o lugar de fala da mulher, bem como sobre as questões de gênero no contexto político atual, a partir da análise de duas letras de músicas do álbum *A Mulher do Fim do Mundo* de Elza Soares: Maria da Vila Matilde e Benedita. Utilizamos para isso o aporte teórico de Pierre Bourdieu, Djamila Ribeiro e Judith Butler entre outros autores para remeter às questões das relações de poder que envolvem o empoderamento feminino. Fizemos uma abordagem desses princípios, relacionando-os às teorias da Análise de Discurso de orientação Francesa, mais precisamente com Eni Orlandi e Michel Pêcheux, fazendo uma relação entre discurso e linguagem e como estes interagem com os sujeitos constituídos por suas histórias ao afetarem e serem afetados pelos discursos. Ao analisar um discurso, mesmo que o objeto considerado seja a reprodução de um simples ato de fala individual, nesse caso a voz de Elza Soares, não estamos diante da manifestação de um sujeito, mas sim nos defrontamos com o lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade, já que o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado e individual, ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem. Assim, podemos dizer que os discursos de empoderamento e o lugar de fala das mulheres analisados nas letras têm como objetivo dar lugar de fala, empoderar, incentivar a participação feminina nas diversas áreas a fim de diminuir a discriminação e a violência.

Palavras-chave: Empoderamento. Lugar de fala. Mulher. Discurso.

Resumen: En esta investigación, problematizamos el empoderamiento femenino y el lugar de habla de la mujer, además de las cuestiones de género en el contexto político actual, partiendo del análisis de dos letras de músicas del álbum *A Mulher do Fim do Mundo* de Elza Soares: Maria da Vila Matilde y Benedita. Para ello, usamos los teóricos Pierre Bourdieu, Djamila Ribeiro y Judith Butler entre otros autores para las cuestiones de las relaciones de poder que están envueltas en el empoderamiento femenino. Hicimos un abordaje de esos principios, relacionándolos con las teorías del Análisis de Discurso de la escuela francesa, más precisamente con Eni Orlandi y Michel Pêcheux, haciendo una relación entre discurso y lenguaje y cómo estos interactúan con los sujetos constituidos por sus historias al afectaren y ser afectados por los discursos. Al analizar un discurso, mismo que el objeto considerado sea la reproducción de un simple acto de habla individual, en ese caso, la voz de Elza Soares, no estamos delante de la manifestación de un sujeto, ya que el sujeto del lenguaje no es un sujeto en sí, idealizado e individual, él es al mismo tiempo hablante y hablado, porque a través de él otros dichos son dichos. Así, podemos decir que los discursos de empoderamiento y el lugar de habla de las mujeres analizadas en las letras tienen como objetivo de dar lugar de habla, empoderar, incentivar la participación femenina en las diversas áreas a fin de disminuir la discriminación y la violencia.

Palabras clave: Empoderamiento. Lugar de habla. Mujer. Discurso.

Introdução

1 Acadêmica da 9ª fase do curso de Graduação em Letras: Português e Espanhol - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, *Campus Realeza/PR*.

2 Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, *Campus Realeza/PR*. Orientador da acadêmica Eline Souza Barbosa no artigo elaborado para o Trabalho de Conclusão de Curso II.

Ao longo de nossa história pudemos escutar as vozes ressonantes de mulheres em busca de mudanças, e de ações coletivas em uma sociedade desigual, vozes de diferentes culturas, raças, classes sociais, vozes que não aceitam mais submeter-se. Essas vozes em busca de transformação encontram na música de Elza Soares uma forma de denúncia. Esta pesquisa mostrará como a mulher deixou e vem deixando de ser vista como submissa, tornando-se dona do seu próprio corpo, com voz ativa e crítica dentro da sociedade atual.

Desse modo, a partir da análise das letras de músicas extraídas do álbum *A mulher do fim do mundo*, de Elza Soares, pretende-se, por meio da análise de discurso, realizar uma crítica sobre o lugar de fala da mulher na sociedade atual. Para tanto, este trabalho se legitima a partir da necessidade de reafirmação do processo de empoderamento feminino para garantir a permanência dos direitos da mulher, tendo em vista o cenário político brasileiro atual.

Além do mais, justifica-se a escolha da cantora a partir de sua trajetória de vida, pois esteve ativa desde antes da ditadura militar até os dias atuais. A escolha deste álbum, em específico, se deu devido ao caráter contemporâneo e feminista que norteia algumas músicas, as quais foram selecionadas para análise.

Portanto, acredita-se que o lugar de fala feminino nas letras das músicas selecionadas é perpassado por uma trajetória histórica na sociedade e na luta pelos direitos das mulheres, tendo em vista que Elza Soares, mulher, negra, periférica, nascida na década de 1930, vivenciou e vivencia todo o processo de (des)construção social do papel da mulher na sociedade.

Sendo assim, apresentamos, em um primeiro momento, um levantamento bibliográfico acerca do que é ser mulher na sociedade atual, por meio de um breve levantamento histórico. Em seguida, trazemos uma pequena biografia da cantora Elza Soares e suas lutas em defesa do não silenciamento da mulher a partir de sua voz; destacando as legislações e políticas públicas em defesa e em detrimento da mulher na sociedade atual. Antes da discussão das letras escolhidas, apresentamos, ainda que de forma muito concisa, a análise de discurso de linha francesa, como teoria para as análises propostas. Por fim, nas considerações finais, a partir da análise, fazemos um apelo à reafirmação dos direitos da mulher e sua importância na sociedade atual.

O ser mulher e o feminismo

Já fomos admiradas, temidas como representantes de Satã, já fomos reduzidas a objetos de domínio e submissão, fomos marginalizadas e até aniquiladas. Desde a colonização

do Brasil, o papel da mulher brasileira perpassa funções às vezes exóticas, ora degradantes e até desumanas, mas nem sempre foi assim. Houve um tempo em nossa sociedade que não havia a necessidade da força física para a sobrevivência, e nela as mulheres possuíam um lugar central. Gaia, Gea, Pachamama, Mahimata, Nerthus e, hoje, a Mulher do Fim do Mundo busca, mais uma vez, seu lugar de igualdade diante de uma sociedade machista e patriarcal que não respeita suas mulheres e nem a diversidade. Djamilia Ribeiro, no livro *O que é lugar de fala?*, reafirma essa característica ainda permanente em nossa sociedade, ao dialogar com Simone de Beauvoir ela afirma que “a relação que os homens mantêm com as mulheres seria esta: da submissão e dominação, pois estariam enredadas na má-fé dos homens que as veem e as querem como um objeto” (RIBEIRO, 2017, p. 38), nesse sentido vemos que mesmo com o avanço dos estudos acerca do feminismo e da objetificação da mulher ainda temos uma longa luta por igualdade pela frente.

Na sociedade atual, as mulheres, mesmo ocupando lugar de fala em diversas áreas importantes como na ciência, economia, indústria, nos movimentos sociais e na política, sofrem com grandes desvantagens e desigualdades impostas por uma sociedade marcadamente machista; por isso a importância em criar e garantir políticas públicas que contribuam para a emancipação das mulheres, sobretudo àquelas que estão à margem e com baixa escolaridade, para que possam construir melhores condições de vida para si. Marcia Tiburi (2018, p. 21) diz que “as mulheres precisam estudar. Que o direito ao estudo é fundamental para qualquer pessoa e também para as mulheres. E que só esse direito pode nos livrar do sistema de violência física e simbólica que pesa sobre quem é marcado como mulher”, essa emancipação através do estudo faz-se necessária tanto para a geração de renda das mulheres, quanto para uma formação que impulse uma mudança em sua qualidade de vida, uma vez que, historicamente, são mais vulneráveis socialmente. Não podemos deixar que destacar aqui que mesmo com uma emancipação financeira proporcionada pela educação as mulheres ainda enfrentam a condição desigual de trabalho uma vez que segundo Tiburi (2018, p. 16) “as mulheres trabalhadoras recebem menos do que os homens pelo mesmo tipo de trabalho, o que constitui uma das maiores injustiças que as pessoas heterodenominadas-denominadas por um outro ou identificadas como mulheres sofrem em uma escala global.” sendo assim se estabelece uma injustiça profissional pelo simples fato de serem mulheres nega-se a equiparação de remuneração pelo trabalho e se mantém através da cultura e das

instituições uma ordem masculina de privilégios.

Segundo Pierre Bourdieu (2002), historicamente a relação de poder está ligada à dominação masculina, que é uma forma recorrente de violência simbólica esta por sua vez se caracteriza em uma violência que é cometida com a cumplicidade entre quem sofre e quem a pratica, sem que, frequentemente, os envolvidos tenham consciência do que estão sofrendo ou exercendo. Os discursos, por sua vez, moldam a estrutura da dominação de modo a conformar os gêneros e as sexualidades de acordo com a determinação cultural (no caso da nossa sociedade, uma determinação cultural extremamente conservadora), estabelecendo hierarquia entre eles e fazendo com que o macho se sobreponha à fêmea. Essa visão patriarcal e androcêntrica, ou seja, que reduz a raça humana ao termo “o homem”, faz, portanto, com que se crie um conjunto de oposição entre os sexos, de modo a estabelecer uma divisão do mundo entre o feminino e o masculino.

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão sexual do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos. (BOURDIEU, 2002, p. 22-24).

Nesse sentido Bourdieu traz à luz o conceito de *habitus* que são esquemas comuns de percepção, reflexão e ação, transferíveis de geração em geração e utilizados para reproduzir os privilégios existentes na sociedade de forma inconsciente ou por vezes consciente através dos agentes e das elites que desejam perpetuá-lo através do tempo. Assim podemos ver que a figura feminina diante dos agentes que perpetuam o *status quo* é de um espaço vazio. Nas práticas discursivas comerciais, as mulheres devem ser preenchidas pelo consumo, posicionando-se no discurso apenas como compradoras. Como incubadoras para reprodução biológica, os corpos femininos são representados como sendo vazios, necessitando de cuidados enquanto esperam ser preenchidos para a maternidade. Nos relacionamentos afetivos, a mulher deve permanecer dentro de casa e seu papel é o de guardiã passiva do bem-estar masculino. Tiburi (2018) diz que “as mulheres são convencidas, por meio de uma combinação perversa entre violência e sedução, que a família e o amor valem mais do que tudo” no entanto muitas vezes esse discurso esconde situações de escravidão e violência no qual muitas mulheres são submetidas por uma sociedade patriarcal injusta que se vale covardemente de seus privilégios.

Para quebrar a roda da desigualdade de gênero imposta, precisamos sobretudo nos reafirmar como mulher na sociedade, garantir os direitos conquistados e dar ênfase ao lugar de fala de mulheres, como faz Elza Soares ao dar vez e voz a mulheres negras, transsexuais, periféricas, mulheres agredidas e subestimadas. Beauvoir afirma que precisamos escutar o Outro dar lugar de fala, estando nós mulheres no lugar do Outro, do silenciado, precisamos quebrar o silêncio instituído.

[...] Sendo o corpo o instrumento de nosso domínio do mundo, este se apresenta de modo inteiramente diferente segundo seja apreendido de uma maneira ou de outra. Eis por que os estudamos tão demoradamente; são chaves que permitem compreender a mulher. Mas o que recusamos é a ideia de que constituem um destino imutável para ela. Não bastam para definir uma hierarquia dos sexos; não explicam por que a mulher é o Outro; não a condenam a conservar para sempre essa condição subordinada (BEAUVOIR, 2016, p. 52)

Ao recusar a subordinação e a dominação que a sociedade impõe, às mulheres dão voz ao empoderamento feminino ao conceder o poder de participação social às mulheres, garantindo que possam estar cientes sobre a luta pelos seus direitos. Empoderar a mulher é garantir igualdade entre os gêneros, é dar lugar de fala nos campos sociais, políticos e econômicos. O termo empoderamento, originado nos Estados Unidos, no contexto dos movimentos dos direitos civis, começou a ser utilizado pelas feministas em meados dos anos 1970. Segundo Friedmann (1996, p. 8), empoderamento é todo o acréscimo de poder que, “induzido” ou “conquistado”, permite aos indivíduos ou unidades familiares aumentar a eficácia do seu exercício de cidadania.

Logo, empoderamento significa a possibilidade de “ganho de poder”, trazendo maior habilidade de agir e de criar mudanças na sociedade, no trabalho, na família, dentro de um relacionamento e no meio em que está inserida a mulher. Para Friedmann (1996), o empoderamento é visto como um processo “induzido” ou “conquistado”, geralmente necessita de agentes externos que intervenham como “mediadores”, “catalisadores” ou “propulsores” para se desenvolver.

Para o desenvolvimento do empoderamento das mulheres em situação de violência, é necessário um trabalho em conjunto com várias esferas, tanto em nível, social, político e psicológico, como um caminho a ser percorrido para combater a situação de violência doméstica, além de implementação de políticas públicas que propiciem o empoderamento.

Pensando em ações conjuntas de empoderamento e combate a violência, precisamos reconhecer que socialmente as lutas feministas tiveram várias conquistas no mundo do

trabalho. Contudo, apesar dos avanços, não se pode deixar de considerar as constantes denúncias de violência sexual, moral, desqualificação e humilhação que mulheres são submetidas diariamente no âmbito do trabalho, em casa e em diversos setores da sociedade, revelando que ainda há muito para se conquistar.

É importante refletir aqui sobre os avanços das leis em relação aos direitos das mulheres, nesse sentido, uma das maiores conquistas foi a criação da lei Maria da Penha, que foi um marco para a correção da defasagem de ideal igualitário, defasagem essa, marcada por desigualdades sociais e pelo avanço de uma cultura de violência contra as mulheres. O Brasil precisou ser repreendido pela Comissão Internacional de Direitos Humanos (CIDH), ao não dar a devida assistência à cidadã Maria da Penha Fernandes, vítima de violência doméstica e a outros tantos casos que a ela se assemelham. Apenas depois deste fato, mobilizada a sociedade civil e Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República, construiu-se um projeto de lei que mais tarde tornou-se a Lei 11.340/06, lei esta que veio para melhorar as garantias constitucionais da mulher, sendo considerada pela ONU como uma das três melhores legislações do mundo no enfrentamento à violência contra a mulher. Segundo Damásio (2010. p. 97), sobre violência contra as mulheres:

As iniciativas de ações afirmativas visam corrigir a defasagem entre o ideal igualitário predominante e/ou legitimado nas sociedades democráticas modernas e um sistema de relações sociais marcado pela desigualdade e hierarquia 2. Tal fórmula tem abrigo em diversos dispositivos do ordenamento jurídico brasileiro precisamente por constituir um corolário ao princípio da igualdade. A necessidade de se criar uma legislação que coíba a violência doméstica e familiar contra a mulher, prevista tanto na Constituição como nos tratados internacionais dos quais o Brasil é signatário, é reforçada pelos dados que comprovam sua ocorrência 9 no cotidiano da mulher brasileira. 9. Dentre os inúmeros compromissos internacionais ratificados pelo Estado Brasileiro em convenções internacionais, merecem destaque a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher (CEDAW), o Plano de Ação da IV Conferência Mundial sobre a Mulher (1995), Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher (Convenção de Belém do Pará, 1994), o Protocolo Facultativo à Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher, além de outros instrumentos de Direitos Humanos.

Outro avanço importante na legislação, foi a alteração na Lei Nº 13.641/2018, que torna crime o descumprimento das medidas protetivas, visando garantir a segurança da mulher, outro exemplo importante é; o disque denúncia 180 e a Lei Nº 13.104 que altera o artigo 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o

feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos.

Mesmo com todos esses avanços aqui demonstrados, ainda cresce o número de violência contra a mulher. E no último ano pudemos ver o crescimento de pautas que relativizam a violência contra as mulheres, vimos as frentes conservadoras ganhando espaço no Congresso Nacional, além da pressa em pôr para a votação a PEC 181 de 2015 que endurece as regras de aborto até em casos hoje considerados legais. Outro ponto preocupante é que desde o golpe jurídico-político de 2016, que destituiu da Presidência a Presidenta Dilma Rousseff, já não se investe mais em políticas públicas de enfrentamento à violência contra as mulheres, além de a Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres deixar de ter status de ministério, isso tudo é sem dúvidas retrocessos que acendem um alerta para a possibilidade de perdas de direitos conquistados até aqui.

Por esse e outros motivos o empoderamento das mulheres é tão importante e, para isso, é necessária a estruturação de políticas das mulheres que visem alterar as estruturas de poder e a cultura política e social, a fim de favorecer relações sociais entre homens e mulheres pautadas na equidade de gênero. Assim, a mulher é estimulada a não aceitar a situação de violência, compreendendo que não são elas os motivos desses arranjos invasivos pois, sob a cultura patriarcal, todas as mulheres são sujeitas a sofrer essas ações de violência ao longo de suas vidas.

Elza Soares, a mulher do fim do mundo e discurso presente na letra

Em 3 de outubro de 2015, Elza Soares lançou o álbum *A mulher do fim do mundo* foi o seu trigésimo quarto trabalho, sendo o primeiro com canções inéditas. *A mulher do fim do mundo* ganhou o Grammy Latino de 2016 na categoria *Melhor Álbum de Música Popular Brasileira*, além das aclamadas premiações de *Melhor Disco do Ano* (2015), pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA); Prêmio Notas Musicais e Prêmio Revista Rolling Stone em *Melhor Álbum* e *Melhor Música*, com a canção *Maria da Vila Matilde*. Ainda o jornal londrino *The Guardian* em uma resenha descreveu o disco como “*Surely the best brazilian album of the year.*” (com certeza o melhor álbum brasileiro do ano [tradução nossa]). Elza em seu disco, expõe suas experiências em um híbrido de samba e rock, com melodias contemporâneas e temáticas muito discutidas nos dias atuais, violência doméstica, sofrimento

urbano, transexualidade, feminismo e negritude ganham voz ativa neste álbum. Outra curiosidade deste álbum é que ele conta com a parceria de um grupo de músicos/produtores paulistanos composto por: Rodrigo Campos, Kiko Dinucci, Romulo Fróes, Marcelo Cabral, Guilherme Kastrup (assinou a concepção, direção e produção), Celso Sim, Thiago França, Douglas Germano e Clima. Eles são responsáveis por significativos trabalhos não só na música como também nas artes plásticas e no audiovisual. São desses artistas trabalhos como os do Metá, Metá, Passo Torto, Ná Ozzetti, Juçara Maçal entre outros.

Outra questão importante a se destacar no álbum *A Mulher do Fim do Mundo* é que ele começa com um poema de Oswald de Andrade, *Coração do mar* que fora musicado pelo professor e músico José Miguel Wisnik. Este último também foi responsável pela produção do disco de Elza Soares, *Do cóccix até o pescoço* de 2012.

Nos últimos anos as mulheres estão reconfigurando o cenário da música brasileira, mostrando autonomia em suas composições, tomando liberdade sobre seus corpos, criticando o padrão imposto pela sociedade e principalmente reafirmando suas convicções. Elza traz para a discussão a violência doméstica sob o olhar de uma mulher que não abaixa a sua voz e denuncia o agressor. A música *Maria da Vila Matilde* mostra a violência doméstica representando todas as mulheres que sofreram e sofrem abuso. Elza já abordava o assunto quando ninguém ainda falava sobre ele, e hoje dá voz a sua experiência e a de tantas outras. Elza Soares casou-se aos 12, por vontade de seu pai, teve seu primeiro filho um ano depois e levou sua vida com muita dificuldade, conheceu Garrincha nos anos 60, com o jogador teve um relacionamento conturbado e abusivo, Garrincha era muito conhecido no mundo esportivo, um dos motivos que a fez calar-se na época sobre as agressões sofridas. Hoje ela assegura seu posicionamento social no meio massivo, empoderando mulheres e sendo exemplo da luta feminista no Brasil.

Além da violência doméstica o álbum também traz à luz a liberdade sexual das mulheres, tema ainda tabu em uma sociedade moderna. *Pra Fudê* é um samba rápido, com o eu lírico feminino em que o tesão e o sexo é cantando sem pudor. O álbum ainda discursa sobre questões de gênero, cada vez mais presente em nossa sociedade. *Benedita*, transexual, cruamente e sem lirismo, reflete sobre os obstáculos enfrentados pelas pessoas que decidem assumir essa transformação em suas vidas. Valores importantes emanam dessas composições, por isso a importância em trazê-las neste artigo, liberdade, respeito e diversidade são

bandeiras a serem hasteadas com coragem e firmeza em uma sociedade que flerta com o fascismo.

A cantora do milênio, cuja carreira acumula mais de 60 anos, foi, sobretudo, resiliente ao longo de sua vida. Resistiu a uma série de dificuldades e preconceitos no âmbito pessoal, o que, conseqüentemente, gerou efeitos em sua música, o fato de existir canções que clamem pelo empoderamento feminino, o respeito à diversidade e a denúncia a violência, desafia as estruturas de poder vigentes na sociedade. Podemos dizer que, a própria figura de Elza, uma cantora negra considerada como um clássico da MPB e da música contemporânea, de maneira geral, já realiza, por si só, um contraponto aos discursos e ideologias hegemônicos. Sendo assim, o lugar de fala da cantora é perpassado por uma trajetória histórica na sociedade e na luta pelos direitos das mulheres, tendo em vista que Elza Soares, mulher, negra, periférica, nascida na década de 1930, vivenciou e vivencia todo o processo de (des)construção social do papel da mulher na sociedade. Nesse trajeto é preciso compreender quem são os sujeitos por trás das letras e como a AD pode evidenciá-los.

Para tanto precisamos partir da conceituação da AD e expor como o discurso é perpassado por outros discursos, que pode se dar como representação do interlocutor ou com a retomada de dizeres anteriores. Para tanto, devemos ter em mente que todo discurso tem um caráter heterogêneo, ou seja, ele nunca será único, sempre haverá outros discursos fundamentando, reforçando, recebendo, reafirmando este discurso primeiro.

Para construir a noção de discurso, Michel Pêcheux (1997) parte de questionamentos à obra de Ferdinand Saussure (2006), uma vez que reconhece nele o ponto de origem da ciência linguística. Saussure atribuiu à língua, concebida como um sistema, o estatuto de objeto dos estudos linguísticos, excluindo a fala desse campo. Sob esta perspectiva, denominada sistêmica, a língua se opõe à fala porque somente ela, enquanto uma estrutura, poderia ter o tratamento objetivo que uma ciência deveria ter; já a fala, por ser empírica, é individual, ou seja, pode variar de acordo com cada falante, porque traz em seu bojo a subjetividade e as condições de produção dos enunciados, o que não permite, de acordo com Saussure, uma sistematização. Pois é justamente a partir dessa fala excluída, na qual as redes de sentido são alargadas e a subjetividade vem à tona, que Pechêux encontra aporte para a noção de discurso da AD.

Ao conceber o discurso como uma instância inteiramente histórica e social, Pechêux

rompe com o “narcisismo da estrutura”, demonstrando que a linguagem, enquanto discurso, não pode ser compreendida como uma unidade significativa, mas como efeito de sentido entre os sujeitos que a utilizam. Para Pêcheux o discurso é definido como um fenômeno constituído não apenas por elementos linguísticos, mas por elementos “extralinguísticos”. Isso fica mais explícito na citação a seguir:

[...] os fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase podem, efetivamente, ser concebidos como funcionamento, mas com a condição de acrescentar que esse funcionamento não é integralmente linguístico, no sentido atual deste termo, e que não se pode defini-los senão em referência à estrutura da formação social em que se encontram. (PÊCHEUX, 1997, p. 218).

Da mesma forma, não é possível pensar que o sujeito para a AD seja aquele empírico saussureano; ele não é aquele cuja fala é transparente e as palavras são inteligíveis num primeiro momento. O sujeito da AD é aquele interpelado pela ideologia, submetido à língua e que se significa pelo simbólico no trabalho com a história. Orlandi (2013, p. 66) afirma que: “se é sujeito pelo assujeitamento à língua, na História. Não se pode dizer senão afetado pelo simbólico, pelo sistema significante. Não há nem sentido nem sujeito se não houver assujeitamento à língua. Em outras palavras: para dizer, o sujeito submete-se a língua”.

De acordo com Orlandi (2013) ainda, na Análise de Discurso não vigora a noção psicológica de sujeito empiricamente coincidente consigo mesmo, ainda que o sujeito discursivo seja pensado como uma posição entre outras, “Não é uma forma de subjetividade mas um ‘lugar’ que ocupa para ser sujeito do que diz.” (p. 49). Este lugar do sujeito está relacionado a uma sociedade de relações hierarquizadas e ao lugar que esse sujeito ocupa dentro desta hierarquia social estabelecida. Dessa forma, um mesmo indivíduo assume diferentes posições em função das diferentes situações discursivas e das projeções feitas pelos mesmos, projeções essas que nos remeterão, em nosso caso de análise, as letras das músicas do álbum a *Mulher do fim do mundo* de Elza Soares

Para a AD, então, o discurso está intimamente ligado à questão da constituição do sujeito social e esses sujeitos sociais não são causas, não são origem do discurso, os sujeitos são constitutivos desse processo, ao serem afetados pelo discurso, assim como o afetam. Ao analisar um discurso, mesmo que o documento considerado seja a reprodução de um simples ato de fala individual, nesse caso a voz de Elza Soares, não estamos diante da manifestação de um sujeito, mas sim nos defrontamos com um lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade, já que o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado e

individual, ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem.

A análise de discurso tem sido objeto de estudo de algumas abordagens sobre as diferentes maneiras de significar, ou de se estudar a linguagem, pois esta situa o sujeito corporalmente, historicamente no tempo e no espaço. Além do mais, o ser humano adquire a linguagem por meio da interação e passa a entender-se como sujeito por meio da linguagem.

Nessa perspectiva, fazer a análise nas letras das músicas de Elza Soares vão nos permitir visualizar como a relação discurso e linguagem se interagem e como o sujeito, constituído por sua história vai se comportar a partir dessas relações, e não apenas verificar os diferentes contextos, representações, imagens, cifras, significados que se ocultam ou se manifestam nas letras das canções, mas procurar apanhar o sentido do discurso em sua dimensão, como: cada palavra, cada texto e conseqüentemente, como essas canções podem influenciar os sujeitos.

Maria da Vila Matilde e Benedita: mulheres para além de seu tempo

A música e as letras das músicas são expressões artísticas que carregam em sua materialidade discursos que nos ajudam a compreender não só contextos históricos e sociais mas também conflitos ideológicos que circundam essas produções. As letras, por muito tempo, foram utilizadas como meio de reprodução de discursos machistas e misóginos; hoje podemos ver como este canal está sendo utilizado para que mulheres possam se autoafirmar e denunciar diversos tipos de violência aos quais são submetidos diariamente.

Sendo assim, “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história” (ORLANDI, 2013, p. 15), é que podemos ver através da AD como a música é uma importante expressão artística, cultural, histórica e principalmente ideológica, na qual a língua é utilizada como um instrumento de denúncia, como é o caso da personagem descrita na letra *Maria da Vila Matilde*, que já não aceita mais a violência à qual era submetida e se utiliza das políticas públicas de combate a violência, no caso o 180, para denunciar seu agressor.

Maria da Vila Matilde (Elza Soares, 2015)

Cadê meu celular?
 Eu vou ligar prum oito zero
 Vou entregar teu nome
 E explicar meu endereço

Aqui você não entra mais
Eu digo que não te conheço
E joga água fervendo
Se você se aventurar

A letra da música em análise mostra como a arte por meio da expressão musical faz um movimento dialético que dialogam com discursos de fortalecimento do movimento feminista. Vemos nela a materialização das principais reivindicações do movimento como: o empoderamento da mulher ao não permitir a entrada do agressor em sua casa e as políticas públicas de proteção às mulheres, como o Ligue180, que é um serviço pública gratuito e confidencial oferecido pela Secretaria Nacional de Políticas, desde 2005, que tem por objetivo receber denúncias de violência, orientar as mulheres sobre seus direitos e sobre a legislação vigente, encaminhando para outros serviços, quando necessário.

Essa voz presente no discurso não visa apenas denunciar a violência física e emocional, ela pretende marcar o lugar da mulher como aquela que agora reconhece seu valor e se propõe mudar sua realidade. O sujeito apresentado na letra, reage e busca canais legais e institucionais de registro da situação de denúncia. Ao explicar o endereço, ela conhece os mecanismos legais que a protegem.

Nesse sentido, podemos nos questionar sobre quem foram as mulheres que antecederam e que motivaram esse processo de mudança, quem foram as mulheres que, subjugadas por um sistema opressor que tentavam calar suas vozes, não cederam diante das violências sofridas, e desencadearam todo um processo de mudança que travessa os dias atuais. Nesse contexto, podemos utilizar das letras dos sambas das décadas de 1920/1930 para referenciar quem eram essas mulheres e de que forma os discursos construídos e enraizados no imaginário popular afetaram e afetam a imagem e a posição da mulher e que “justificam” o lugar de inferioridade que foi reservado a ela no convívio social.

Em sambas como o de Heitor dos Prazeres, “Mulher de malandro” (samba de 1931), a cultura da malandragem ultrapassa o conceito de dominação masculina, para atrelar-se ao sentido de agressão tanto física como moral: “Quanta mais apanha/A ele tem amizade/Longe dele tem saudade./Muitas vezes ela chora/Mas não despreza o amor que tem/Sempre apanha e se lastimando/E perto do malandro se sente bem” (Heitor dos Prazeres, 1931). Termos como “mulher de malandro” sempre foram utilizados ao longo de nossa história para descrever as mulheres que apanham dos seus cônjuges e se submetem às várias formas de agressão,

levando, por vezes, à relativização da violência em nossa sociedade.

Del Priori (2001) descreve a violência contra as mulheres como uma “prática antiga e muito presente na sociedade humana”, mas que, “ao mesmo tempo, continua sendo um tema oculto, muitas vezes tratado como tabu”. Noel Rosa, em virtude de vários entrevistos com mulheres com quem convivia, manifestou sua ojeriza contra algumas “alcoviteiras”, como se verifica na canção “Mulher indigesta” (1932): “Mas que mulher indigesta, indigesta!/Merece um tijolo na testa./Merece um tijolo na testa./Esta mulher não namora,/Também não deixa mais ninguém namorar/É um bom center-half pra marcar./Pois não deixa a “linha” chutar” (Noel Rosa, 1932). Mais uma vez podemos ver como a violência era tratada de forma socialmente aceita, causando hoje uma tensão discursiva, uma vez que esses discursos perpassam o tempo e são colocados e enraizados em discursos outros nos dias atuais. Na canção *Mulher Indigesta* podemos observar os sentidos filiados ao discurso machista, disseminados, muitas vezes, à revelia, já que esse discurso machista se tornava característico ou um “modismo” dos compositores da época, em variadas canções. Podemos dizer que essa é uma concepção socio-patriarcal que se desenvolveu e se ramificou de forma heterogênea uma vez que o discurso presente nas canções não atingia apenas ao público ouvinte dos sambas dos morros, esses sambas desciam o morro e se ramificavam nos diversos contextos sociais.

O patriarcado, a dominação masculina é característica básica de nossa sociedade. Há, por isso, uma tensão discursiva entre diversas instâncias sociais, ocasionando a circulação de sentidos outros, além dos dominantes, difundidos pela burguesia da época. O contexto sociocultural terá influenciado parte do discurso religioso cristão, em que as mulheres têm por dever a submissão: “A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva.” (BÍBLIA, I Tm 2,9). São dizeres repletos de imagens justificadoras, tidas como naturais e de origem divina, que por vezes mal interpretadas levam as mulheres a aceitar todas as formas de violência. Diante dessa mulher histórico-socialmente subjugada nas diversas instâncias da sociedade é que se faz necessário os discursos de empoderamento e de fortalecimento do feminismo. Assim, a não aceitação da violência presente na letra da música aqui apresentada pode contribuir para uma mudança histórica e social. Nesta formação discursiva, há um deslizamento de sentidos, já que o

homem sempre se considerou como sujeito do discurso, ficando a mulher na posição de objeto. Em Maria da Vila Matilde se subverte o sujeito do discurso passando a mulher o poder de fala, decisão e denúncia.

E quando o samango chegar
 Eu mostro o roxo no meu braço
 Entrego teu baralho
 Teu bloco de pule
 Teu dado chumbado
 Ponho água no bule
 Passo e ofereço um cafezim
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Embora esteja sendo retratada a mulher que carrega no corpo as marcas da violência, *o roxo no meu braço*, esses versos também revelam um contexto histórico da “mulher do malandro” já explicitado acima, da mulher que apanhou e sofreu com os vícios da “jogatina” de seu companheiro como fica explícito nas linhas: *Entrego teu baralho/Teu bloco de pule/Teu dado chumbado*. Segundo Matos, (1982, p. 13) a partir dos anos 1920, o texto da linguagem malandra surge com maior ênfase e começa “a ser escrito/cantado, para além dos limites de sua comunidade original, de sua gente. Esse malandro caricaturado de burguês bem vestido, terno branco alinhado tem como anseio não mais trabalhar, Matos (1982, p. 117), diz ainda que “a realização desse anseio é possibilitada por um expediente que sempre foi um dos mais associados ao folclore da malandragem: O jogo”, o sujeito apresentado na música interpretada por Elza Soares é evidentemente um malandro jogador, aquele cujo perfil, retratado nas letras dos sambas de década de 1920 e 1930, se ressignifica nos dias atuais e mantém comportamentos de violência doméstica e suas relações com jogos de azar.

Para além de todo o histórico patriarcal de violência, o que podemos analisar na letra “Maria da Vila Matilde” é que a mulher retratada, apesar da violência sofrida, não baixa a cabeça e, sobretudo, reconhece o seu poder enquanto mulher, e é nessa hora que vemos emergir o empoderamento feminino. Empoderamento esse que não visa apenas o empoderamento de si, mas de todas as mulheres que de alguma forma se veem representadas na letra da música. É importante destacar aqui que a voz presente no discurso não é a voz da cantora Elza Soares, a cantora dá voz a outras mulheres, e que algumas palavras ao serem utilizadas na letra da música assumem determinados sentidos que carregam em si aspectos relacionados ao contexto sociocultural no qual a letra foi produzida, como afirma Orlandi:

o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em, relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (ORLANDI, 2013, p. 42-43)

As marcas linguísticas presentes na letra da música produzida mostram, além da ideologia, presente no sujeito, uma realidade que está diretamente relacionada ao contexto histórico na qual ela foi produzida. A letra de “Maria da Vila Matilde”, escrita por Douglas Germano, traz consigo a experiência do compositor, que é filho de uma Maria que sofria com violência doméstica. “Eu vi essa Maria, minha mãe, apanhar em casa. Era garoto e podia fazer muito pouco além de sentir medo de meu pai e dó de minha mãe”³, contou em entrevista ao portal Rolling Stones. Germano ainda deixa claro que a canção foi destinada a Elza Soares porque foi a primeira mulher que ele viu, ainda quando era uma criança, falar sobre o assunto. A cantora vem, ao longo da história, denunciando a violência sofrida por ela e por tantas outras Marias. Logo, podemos dizer que o discurso que se apresenta na letra é carregado de sentidos vivenciados por vários sujeitos e em diferentes períodos da história.

Eu corro solto o cachorro
 E, apontando pra você
 Eu grito: péguix guix guix guix
 Eu quero ver
 Você pular, você correr
 Na frente dos vizinhos
 Cê vai se arrepender de levantar
 A mão pra mim
 E quando tua mãe ligar
 Eu capricho no esculacho
 Digo que é mimado
 Que é cheio de dengo
 Mal acostumado
 Tem nada no quengo
 Deita, vira e dorme rapidim
 Você vai se arrepender de levantar a mão pra mim
 Mão, cheia de dedo
 Dedo, cheio de unha suja
 E pra cima de mim? Pra cima de muá? Jamé, mané!

3 <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/elza-soares-brada-contra-violencia-domestica-em-novo-single-ouca/>

Levando em consideração o que já foi discutido até aqui, podemos afirmar que os traços linguísticos não foram colocados ali aleatoriamente, esses traços nos mostram alguns aspectos históricos e sociais relacionados à violência contra a mulher uma vez que, nesse momento da letra a mulher do malandro, que uma vez era submissa e nulo o seu lugar de fala, agora inverte seu lugar de fala e se apropria da fala do malandro, “o malandro tem sua fala marcada pela terminologia e pela gíria do turfe” (MATOS, 1982, p. 119), agora a mulher é quem diz: “Pra cima de muá?/Jamé, mané!”. Aqui não só se apresenta a denúncia, mas se empodera a mulher para questionar as mazelas vividas no relacionamento abusivo, assim como é dela a voz de “comando” da casa e da própria vida.

Outra letra do álbum *A Mulher do fim do Mundo*, objeto desta análise, é a da canção *Benedita*, fruto de parceria entre Celso Sim e Pepê Mata Machado, que chama a atenção por sua singularidade. Benedito é nome de preto. Normalmente usado para homenagear o santo católico que teria sido filho de escravos. Benedito significa “bendito”, que se opõe a “maldito”. Veremos quais os discursos que permeiam esses dois personagens.

Benedita (Elza Soares, 2015)
 Benedito não foi encontrado
 Deu perdido pra tudo que é lado
 Esse nego que quebra o quebranto
 Filho certo de tudo que é santo

Benedito o personagem enigmático desta canção começa sua história revelando uma condição ambígua de extraviado e vítima. Aqui também podemos ver uma retomada de outra figura, igualmente em posição deslocada, o Nego Dito, personagem e *alter ego* de Itamar Assumpção, que aparece em canção sua de mesmo nome: “Benedito João dos Santos Silva Beleléu / Vulgo Nego Dito, Nego Dito cascavé / (...) // Eu me invoco e brigo / Eu faço e aconteço / Eu boto pra correr / Eu mato a cobra e mostro o pau / (...) // Se chamar polícia / Eu vou cortar tua cara / Vou retalhá-la, canalha, com navalha” (Itamar Assumpção, 1981). Ambos os personagens estão à margem da sociedade; enquanto Nego Dito é “o perigoso marginal, o delinquente, *Benedita*, por sua vez, põe em cena uma figura que carrega diversos estigmas sociais: negro, travesti (homossexual, ou bissexual, ou transexual), líder do tráfico de drogas. *Benedita* compõe vários estigmas de violência que é tema recorrente que permeia o álbum de Elza Soares.

Benedito é uma fera ferida
 Traz na carne uma bala perdida
 Uma bala de prata guardada
 Pro meganha incauto, arremata
 Arremata, arremata, arremata

Ao dizer que Benedito é “uma fera ferida”, traz a metáfora de que o personagem não é só o bandido líder do tráfico, ele também traz na carne uma bala perdida, deixando à mostra todo o contexto periférico negro do morro; no entanto, a bala de prata guardada para ele remete que a violência tem endereço certo. Segundo Batista (2003), o olhar que seleciona não é neutro; ao contrário, é racista, moralista: segrega, discrimina, desvaloriza e controla. Essa seletividade do “meganha incauto”, guiada pelo *status quo*, opera sobre a liberdade, a morte e a detenção do povo negro.

Ele que surge naquela esquina
 É bem mais que uma menina
 Benedita é sua alcunha
 E da muda não tem testemunha

Nesse momento a canção se suspende em um curto silêncio, marcando uma mudança de orientação. A guitarra e o contrabaixo mudam e o ritmo é outro, fato que revela a verdadeira identidade escondida de Benedito. Aqui o título se explica: Benedita é uma transexual procurada pela polícia, mostrando que tudo aquilo que foge à norma torna-se abjeto, marginalizado, com dificuldade para inserção no meio social. Logo, a “muda sem testemunha” de Benedita nos mostra a solidão e a marginalidade que enfrentam as transexuais. Butler (2016) critica a construção da identidade como algo que tenha começo, meio e fim, com um caráter determinista; sua compreensão entende que este processo seja contínuo e revelado pela forma como o sujeito se expressa no mundo. Ainda nesse sentido, a relação de poder opera na própria produção de uma estrutura binária, uma vez que a categorização binária de homem/mulher passa por uma relação de poder que se expressa em uma linguagem, a qual, por sua vez, assume caráter político, ou seja, só se é alguém no momento em que facilmente seja identificado seu sexo biológico, e, por conseguinte seu lugar no mundo. Sendo assim temos uma problemática, uma vez que o feminismo encontra na suposição do termo mulheres como uma identidade comum binária, aqui entra a crítica proposta por Butler “Se alguém ‘é’ mulher, isso seria tudo o que esse alguém é”

Porque o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. (BUTLER, 2016, p. 20)

Butler afirma que ser mulher certamente não é tudo o que esse alguém é, dialogando assim com a frase “a gente não nasce mulher, torna-se mulher” de Simone de Beauvoir, Sendo assim, ela nos mostra que se tornar mulher não está necessariamente relacionado a ser fêmea. Ela busca desnaturalizar o gênero, de maneira que ele seja inconstante e convergente, separando identidade ou essência como expressão do sujeito e não como o “ser” desse sujeito. Nesse contexto, a Benedita aqui representada por Elza Soares está diretamente ligada à idealização da luta de Judith Butler por uma mulher livre das construções ontológicas de identidade e que engloba todas as mulheres em suas especificidades, uma vez que Benedita é mulher transgênero e negra.

Benedita parte do lugar de fala de uma mulher que sofre todos os processos de violências possíveis, por ser negra, periférica e travesti. Está à margem da lei, desassistida de direitos e sujeita a violências diárias sem qualquer proteção garantida por lei.

Ela leva o cartucho na teta
 Ela abre a navalha na boca
 Ela tem uma dupla caceta
 A traveca é tera chefona
 Benedita da zona é o crack
 (É o crack, é o crack, é o crack)
 A policia milícia o choque
 Na surdina preparam o ataque
 (É o crack, é o crack, é o crack)

Outro ponto que podemos verificar na letra é a dualidade de Benedita, a mulher negra como chefe do morro, o malandro em sua forma feminina. Mais uma vez vemos a figura do malando sendo contestada. Matos (1982 pág. 55) diz que o “malandro apresenta uma imagem bastante próxima e identificada com a marginalidade das classes economicamente subalternas” dando como exemplo a letra de música de Wilson Batista: *Lenço no pescoço/Navalha no bolso/ Eu passo gingando/ provoço e desafio(...)* (Lenço no Pescoço). Esse malandro sempre perseguido pelos representantes da lei, se aproxima da nossa personagem Benedita, uma vez que ela em seu tempo é quem é perseguida pelos representantes da lei, ela é quem domina a distribuição do crack, a que está à margem da

sociedade e sob o olhar de suspeita. Esse lugar de fala incorporado por uma elite que rejeita e mascara a situação da população mais pobre é uma maneira de forjar uma posição subjetiva, um lugar social e institucional para o negro e criar subjetividades através de uma visão vingativa de que esses grupos devem receber a punição de morte sem qualquer julgamento garantido pela Constituição.

Ela jura que era um achaque
 Na bocada os cliente só rock
 Ela morre ela, ela mata, ela é craque
 (Ela é craque, ela é craque, ela é craque
 Ela é craque, craque, craque)

A música *Benedita* expõe várias críticas para além da marginalidade do homem negro tão estigmatizado por nossa sociedade essencialmente racista, expõe a crítica de ser quem se é, como disse Butler anteriormente, além de questionar qual o lugar destinado para uma travesti negra. Existe algum lugar de fala para as travestis? É permitido o lugar de fala delas para além da marginalidade? *Benedita* agora não é mais o crack e sim a craque que morre mas que também mata, a que dribla e escapa do sistema. Elza expande a crítica social, incluindo assim outras complexidades de nosso tempo. Trinta anos depois das críticas às ações policiais racistas contra o povo negro, apontadas na canção “Nego Dito”, a cantora carioca mostra que, ao mesmo tempo em que poucas coisas se alteraram no que diz respeito à violência policial e ao racismo, a discussão cresceu, tomou forma e hoje exige um olhar mais amplo para incluir fatores que compõem a vida no século XXI, como gênero e transexualidade em relação com as questões da raça e classe social.

Homicida, suicida, apareceu, aparecida
 É maldita, é senhora, é bendita, apavora
 Vem armada, não rendida, faz do beco sacristia
 Crack agora, não demora, joga a pedra, nessa hora

A música passa então a delinear a personalidade marginal da personagem atravessada pela santidade de seu nome e por sua condição marginalizada: “*homicida, suicida, apareceu, aparecida. É maldita, é senhora, é bendita, apavora. (...) Faz do beco sacristia*”. Essa ambiguidade entre o santo e o profano, nos mostra um sagrado dessacralizado, uma vez que *Benedita* traz em seu nome toda a simbologia do santo de devoção popular, o santo negro dos negros. E justo a essa personagem, *Benedita*, coube toda a tensão de quem está a margem da

sociedade, a prostituta e perigosa, aquela que *“leva o cartucho na teta, ela abre a navalha na boca”*, a identidade feminina do malandro que não se regenerou. A tensão musical aumenta à medida que o encontro entre a polícia e a foragida se aproxima, Benedita *“Vem armada e não rendida”* ela joga a pedra o *“crack”* e faz do beco a sua sacristia como remissão de seus pecados.

No ápice, outra pequena pausa se faz e a narrativa musical retorna ao seu início. Dessa vez a mesma narrativa nos dá uma dupla interpretação, ficando sob suspeita o desaparecimento de Benedita. Após o embate com a polícia/milícia, há uma tensão e o silenciamento sugerido anteriormente pelo verso *“Benedito não foi encontrado”*. Nesse jogo de interpretações que nos propõe a música, a nossa personagem pode ser Benedita aquela bendita que faz o sacrifício por seu povo, a sacrificada por uma elite que não a reconhece como cidadã de direitos, tal qual Geni de Chico Buarque uma vez que a letra nos deixa pistas do sacrifício *“não demora, joga a pedra, nessa hora”*. Sendo assim, tanto Geni como Benedita tem seus corpos hierarquizados em escalas de valor, segundo critérios morais e normalizantes que, segundo Batista (2003), a sociedade nos diz quem deve deixar viver e quem deixar morrer, para a proteção de alguns grupos sociais e determinados segmentos da população que são tidos como mais importantes.

Para a AD as palavras não apresentam os mesmos sentido, como por exemplo a palavra violência pode ter diferentes sentidos, em diferentes enunciados quais sejam: violência doméstica; violência armada; violência pública, entre outras violências, assim como segurança também não significa o mesmo para todos os sujeitos. As palavras, conforme nos lembra Pêcheux (1988, p. 160), *“mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam, o que quer dizer que elas tomam seus sentidos em referência a essas posições”*. Logo, tanto a Geni de Chico Buarque quanto a Benedita de Elza Soares não estão do lado da sociedade que as protegem, é reservado a elas o lugar da marginalidade. Elza Soares ao revelar os personagens de Benedita e Maria da Vila Matilde rompe silêncios históricos e empresta sua voz para amplificar as vozes de tantas outras mulheres. Elza fala por milhares não só do seu lugar de cantora, mas do lugar de fala de mulher negra, feminista periférica que denuncia e que canta liberdade.

Considerações Finais

Ao realizar essa pesquisa, a partir dela e antes dela, posso afirmar que, mais do que reservar um direito nosso de ocupar assentos no espaço acadêmico, o ensino superior precisa e muito das mulheres cis, transexuais e negras. Para que se aproxime, na prática, e para que possam tecer pensamentos críticos sobre as feridas abertas do Brasil. Para que vejam como aprendemos com o mundo e para que o mundo aprenda conosco. Para humanizar o conhecimento científico e levá-lo até aqueles que ainda não se aproximaram dele. Para ser um espaço mais acolhedor à diversidade e às pluralidades manifestadas em nossas vidas, escrevo essas linhas do lugar de fala de uma filha cujo o sonho da mãe era vê-la formada, do lugar de fala de mãe que deixou seus dois filhos por vezes sem seus cuidados para concretizar um sonho que não era só seu, do lugar de fala de mulher negra e periférica que almeja que sua voz alcance outras vozes. Ainda somos poucas e estamos bem longe de sermos maioria, é verdade, mas estamos chegando lá. Se durante anos nos foi negado o direito de estamos cercadas por muitas outras mulheres negras, hoje, através das políticas públicas lançadas durante os governos do PT, já posso olhar ao redor e me reconhecer em outros rostos femininos e negros. Termino essa pesquisa e esse ciclo, portanto, na certeza de que a universidade haverá de ser um lugar menos hostil a nós porque agora já posso enxergar outras Dandaras e Marielles ali. É esse o alento que o álbum de Elza vem trazer. Somos mulheres do fim do mundo, marcadas pela violência, pelo machismo e pelo racismo, mas não seremos lembradas assim. Se depender de nós, renascemos e chegaremos a outro patamar, a outro nível de plenitude, a outra esfera.

Esse trabalho além de somar para as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas nesse contexto, vem trazer o resgate histórico, atual e perspectivas futuras acerca das políticas públicas e legislações vigentes, em defesa das mulheres e da diversidade. Sobretudo vem reafirmar a necessidade de empoderamento da mulher frente à sociedade atual, uma vez que a discussão não pode sair de cena para que o direito das mulheres continue avançando, dado que a sociedade ainda é machista e patriarcal em sua essência.

A mulher do fim do mundo, de Elza Soares assume a premissa da solidariedade àqueles que sofrem. A cantora dá lugar a uma Elza multifacetada, que problematiza as mazelas sociais e encara a violência doméstica em “Maria de Vila Matilde”, vive uma travesti em “Benedita”, mulheres essas protagonistas em suas causas, ao contrário da mulata dos anos 1920 e 1930, cujo olhar era sempre em função do homem.

Todos esses elementos trazidos até aqui, a partir das análises e sob a ótica dos estudos da AD, conformam um terreno frutífero para um encaminhamento político de nossas ações e posicionamentos. Portanto, a cantora Elza Soares nos mostra possibilidades múltiplas da identidade feminina para aquelas de nós que, no anonimato, porventura estejamos completamente presas às amarras do olhar externo. Trata-se aqui, portanto, de um discurso de empoderamento e sororidade, que tanto serve para dar visibilidade à experiência pessoal da artista quanto para, por meio dela, indicar caminhos de ressignificação possíveis para outras mulheres.

Referências

- BATISTA, V. M. *Difíceis ganhos fáceis: drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Revan/IBCCRIM, 2003.
- BEAUVOIR, S. *O Segundo Sexo*, v. I, II. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BÍBLIA SAGRADA: Nova tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2016.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.
- DAMÁSIO, de J., *Violência contra a mulher*. São Paulo: Saraiva, 2010.
- FRIEDMANN, J. *Empowerment- uma política de desenvolvimento alternativo*. Oeiras: Celta, 1996.
- MATOS. C. N. *Acertei no milhar: malandragem e samba no tempo de Getúlio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 11.ed. Campinas: Pontes, 2013.
- ORLANDI, E. P. *A casa e a rua: uma relação política e social*. Em: *Discurso em Análise. Sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, M. *Análise Automática do Discurso (AAD-69)*. In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1997b, pp 61-151.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas. Editora da Unicamp, 1988.

- PRIORE, DEL M. *História do Cotidiano*. São Paulo: Contexto, 2001.
- RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SOARES, E. *Mulher do Fim do Mundo*. São Paulo: Circus, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=I38EcMJX8A8>>. Acesso em 17 Abr. 2019.
- TIBURI, M. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.